



GUILHERME HENRIQUE DE MELO SILVA

**A MULTIPLICIDADE LINGUÍSTICO-SEMIÓTICA DO
GÊNERO MEME: IMPLICAÇÕES DISCURSIVAS PARA O
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

**LAVRAS-MG
2022**

GUILHERME HENRIQUE DE MELO SILVA

**A MULTIPLICIDADE LINGUÍSTICO-SEMIÓTICA DO GÊNERO MEME:
IMPLICAÇÕES DISCURSIVAS PARA O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras, para a obtenção do título de Licenciado.

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Silva, Guilherme Henrique de Melo.

A multiplicidade linguístico-semiótica do gênero meme: implicações discursivas para o processo de produção de sentidos / Guilherme Henrique de Melo Silva. - 2022.

48 p. : il.

Orientador(a): Helena Maria Ferreira.

Monografia (graduação) - Universidade Federal de Lavras, 2022.

Bibliografia.

1. Gêneros discursivos. 2. Memes. 3. Textos multimodais. I. Ferreira, Helena Maria. II. Amorim, Márcia Fonseca de. III. Fonseca, Jaciluz Dias. IV. Título.

GUILHERME HENRIQUE DE MELO SILVA

**A MULTIPLICIDADE LINGUÍSTICO-SEMIÓTICA DO GÊNERO MEME:
IMPLICAÇÕES DISCURSIVAS PARA O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

**LINGUISTIC-SEMIOTIC MULTIPLICITY OF THE MEME GENRE: DISCURSIVE
IMPLICATIONS FOR THE PRODUCE MEANINGS PROCESS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em 18 de abril de 2022.
Dra. Márcia Fonseca de Amorim UFLA
Dra. Jaciluz Dias Fonseca UFJF

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2022**

A todos os professores que não medem esforços e mesmo com tantas dificuldades, ainda veem na educação a melhor maneira de contribuir para que se efetive a formação crítica e cidadã dos sujeitos, com vistas a construir um mundo melhor para todos.
Dedico

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sonia de Fátima de Melo Silva e Sebastião José da Silva, pelo constante amor, pelo carinho e pela dedicação, tendo me apoiado — e continuarem a me apoiar, diga-se de passagem — em tantas decisões ao longo da vida. Sou extremamente grato por ter exemplos tão maravilhosos de ser humano dentro da minha própria casa e quero pontuar, aqui, que reconheço os esforços feitos desde os meus primeiros anos de idade em prol da minha educação, pois entendo que, muitas vezes, não foi fácil. Se fui capaz de chegar até aqui, tudo foi graças a vocês e, por isso, digo, do fundo do meu coração: obrigado por tanto.

À minha irmã, Kathellen Mara Melo Silva, uma das pessoas que mais amo, além de, muito provavelmente, ser quem mais me entende no mundo inteiro. É loucura pensar que há quinze anos eu estava te segurando no colo, eufórico pelo seu nascimento. Ver, a cada dia, a mulher que você está se tornando, me enche de orgulho. Ainda que hoje não nos falemos com tanta frequência quanto antes, sobretudo por causa da distância, saiba que continuo te admirando, mesmo que de longe. A você, agradeço por ser minha confidente, minha melhor amiga.

À minha orientadora, professora Dra. Helena Maria Ferreira, por ter me apresentado um universo de possibilidades não só no âmbito acadêmico, mas, também, na vida, ampliando a minha visão a respeito de tudo que me cerca; tudo isso realizado de uma maneira tão sutil e ao mesmo tempo tão profunda que, honestamente, ainda me deixa boquiaberto. Helena, desde o momento em que pisei na universidade pela primeira vez e tive a honra de assistir às suas aulas, mais do que uma professora, você foi — e nunca deixará de ser, viu? — uma segunda mãe para mim. Como bem dizem os meus colegas universitários de Letras, não é atoa que muitos te chamam de “mãe acadêmica” e “rainha”! Você é especial. Rara. Obrigado por tantas oportunidades, por tantas conversas, por tanto aprendizado, enfim, por tantos momentos bons.

À estimada professora Dra. Márcia Fonseca de Amorim, por ter aceitado o convite em compor a banca responsável por avaliar a minha pesquisa. Professora, você é uma das pessoas mais humanas que eu já conheci em toda a minha vida, além de uma tremenda profissional. Contigo, aprendi muito! Posso dizer, com certeza, que sem tudo o que me foi apresentado por meio das suas disciplinas, a minha escrita não seria a mesma; eu não seria o mesmo.

À minha parceira na escrita de artigos acadêmicos e de capítulos de livros, Jaciluz Dias Fonseca, que também compõe a banca avaliadora de meu trabalho e por quem sou fã de carteirinha. Jaci, tenho tanta admiração pela sua pessoa! Você foi, sem dúvidas, uma das

peessoas que mais me estendeu a mão e com a maior doçura do mundo, diversas vezes me ensinou. Nunca me esquecerei disso. São de pessoas como você que o mundo precisa.

Às minhas professoras de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa do Ensino Fundamental, Kênia Melo e Silvana Silveira, por terem me mostrado, desde pequeno, o quão gostoso e mágico é trabalhar com a língua(gem). Kênia e Silvana, foi a partir das suas aulas que eu percebi a minha paixão pela Letras, a qual viria a se desenvolver anos depois. Se um dia eu for para os meus futuros alunos pelo menos um pouco do que vocês foram para mim, já estarei satisfeito.

Às minhas amigas queridas e colegas de profissão, Cecília Kécia Matias Moreira, Kleissiely de Castro, Laura Gabrielly Inácio Fiorentini, Lisa Galvão Elisei e Lívia Mayumi Saito, por tantos momentos gostosos, por tantas risadas e, não posso deixar de dizer, por tantos surtos compartilhados. Meninas, foram vocês que, muitas vezes, me mantiveram “são” neste caminho árduo de quatro anos dentro da universidade. Tê-las ao meu lado fez com que esse processo se tornasse mais leve. Por tudo isso, digo: vocês são as minhas maiores inspirações e eu aprendo diariamente com cada uma.

A todos que, de alguma forma, viram algo de especial em mim, acreditando que eu era capaz de ser simplesmente quem e o que eu quisesse ser. Muito obrigado.

*“Isso de querer ser
exatamente aquilo que
a gente é ainda vai nos
levar além”.*
(Paulo Leminski)

RESUMO

A evolução constante de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) tem modificado as interações no cotidiano, assim como tem provocado alterações substanciais nos modos de organização dos textos e dos discursos que circulam socialmente. Nesse contexto de inovações, ganha espaço o meme, um gênero discursivo que, impulsionado pelo advento da internet e, em seguida, pelas redes sociais, tem sido utilizado entre pessoas de diferentes locais físicos e faixas etárias, de modo notadamente recorrente. Tendo isso em vista, este estudo tem como objetivo precípua apresentar possibilidades de análises para o gênero meme, considerando-o como um gênero do discurso que apresenta ampla circulação social, porém, para tomá-lo como objeto de estudo, é preciso ir além de meramente se preocupar em rotulá-lo, posto que a noção de gêneros envolve diferentes aspectos, sobretudo, quando se parte da perspectiva bakhtiniana da linguagem. Para consecução do objetivo proposto, empreendeu-se uma pesquisa teórica fundamentada em Bakhtin (2006) e Volóchinov (2013), principalmente, para tratar sobre gêneros do discurso; em Dawkins (2007), Furtado (2019) e Chagas (2020), entre outros, para apresentar um breve histórico sobre os memes, e em Rojo e Barbosa (2015) e Ribeiro (2016), para discutir a ideia de textos multimodais. Além disso, quatro memes que circulam em redes sociais foram analisados à luz do referencial teórico, com o intuito de não só explorar as potencialidades desse gênero discursivo tão transmutado, mas, também, de lançar um olhar mais atento aos diferentes recursos linguístico-semiótico-discursivos que se encontram presentes nele, compreendendo, assim, a importância da articulação desses recursos para a produção e a ampliação de sentidos. A partir da pesquisa empreendida, os resultados obtidos demonstram que, para a realização de uma leitura mais crítica de memes, é relevante assumir uma atitude responsiva ativa, seja para garantir um posicionamento crítico em relação aos seus discursos, seja para compreender a multiplicidade de recursos linguístico-semióticos que os constituem. Diante disso, espera-se que este trabalho contribua para que os leitores possam se sentir provocados em conceber o meme como um gênero discursivo que apresenta plasticidade em suas configurações, mas que se constitui como uma proposta para uma abordagem de questões presentes no cotidiano coletivo, seja na perspectiva do humor, seja na perspectiva da crítica/denúncia social.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Gêneros discursivos. Leitura. Memes. Textos multimodais.

ABSTRACT

The constant evolution of digital information and communication technologies has modified interactions in daily life, as well as has caused substantial changes in the ways of organizing texts and discourses that circulate socially. In this context of innovations, the meme gains space, a discursive genre that, driven by the advent of the internet and then by social networks, has been used among people from different physical locations and age groups, in a notably recurrent way. With that in mind, this study has as its main objective to present possibilities of analysis for the meme genre, considering it as a genre of discourse that has wide social circulation, however, to take it as an object of study, it is necessary to go beyond merely worrying about labeling it, since the notion of genres involves different aspects, especially when one starts from the Bakhtinian perspective of language. To achieve the proposed objective, a theoretical research based on Bakhtin (2006) and Voloshinov (2013) was undertaken, mainly to deal with discourse genres; in Dawkins (2007), Furtado (2019) and Chagas (2020), among others, to present a brief history of memes and in Rojo and Barbosa (2015) and Ribeiro (2016), to discuss the idea of multimodal texts. In addition, four memes that circulate in social networks were analyzed in the light of the theoretical framework, in order not only to explore the potential of this transmuted discursive genre, but also to take a closer look at the different linguistic-semiotic-discourses that are present in it, thus understanding the importance of articulating these resources for the production and expansion of meanings. Based on the research undertaken, the results obtained demonstrate that, in order to carry out a more critical reading of memes, it is important to assume an active responsive attitude, either to guarantee a critical position in relation to their speeches, or to understand the multiplicity of linguistic resources-semiotics that constitute them. Therefore, it is expected that this work will help readers to feel provoked in conceiving the meme as a discursive genre that presents plasticity in its configurations, but which is constituted as a proposal for an approach to issues present in the collective daily life, whether from the perspective of humor, or from the perspective of social criticism/denunciation.

Keywords: Bakhtin Circle. Discursive genres. Memes. Reading. Multimodal texts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Meme da Barbie	32
Figura 2: Meme da <i>Monalisa</i> (1503)	36
Figura 3: Meme da tela <i>Baco</i> (1596)	39
Figura 4: Meme do livro <i>Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios</i> (2005)	41

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

GNL	Grupo de Nova Londres
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UFF	Universidade Federal Fluminense
Usenet	Unix User Network

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO SOB UM VIÉS BAKHTINIANO	17
2.2 OS TEXTOS E A SUA LINGUAGEM MULTIMODAL	22
2.3 UM BREVE CAMINHO PELA HISTÓRIA DOS MEMES	24
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
4 PROPOSTAS DE ANÁLISE PARA O GÊNERO MEME	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade, marcada pelos avanços tecnológicos em vários campos da atividade humana, tais como o econômico, o científico e o cultural, promove a ampliação de saberes, a alteração de comportamentos, a ressignificação de limites dos espaços geográficos, bem como a reorganização dos modos de interação. Como consequência, para um pleno convívio no âmbito social, faz-se necessário que os sujeitos estejam aptos a lidar com as diversas formas de linguagem que circulam no cotidiano, uma vez que elas advêm dessas diferentes culturas.

Nesse cenário de inovações e de interações, merece destaque o meme, um gênero discursivo que, impulsionado pelo advento da internet e, em seguida, pelas redes sociais, tem sido utilizado, de modo notadamente recorrente, entre pessoas de diferentes locais e faixas etárias¹. Isso se dá, principalmente, porque ele não se limita a pré-definições e apresenta-se em diferentes formatos; como “[...] acontecimentos discursivos espetacularizados na roda dialógica das conversas do cotidiano” (FURTADO, 2019, p. 17), revelando, por isso mesmo, um fenômeno denominado intergenericidade/hibridização de gêneros.

Isto posto, ao aprofundar-se nos estudos a respeito dos memes, percebe-se que, diferente do que dita o senso comum, apesar de carregarem consigo certa carga de humor para a produção de sentidos, eles não são apenas textos que costumam provocar o riso nos leitores. Para além desse aspecto, esse gênero pode (re)produzir ideologias que (re)velam relações assimétricas de poder. Por isso, reduzi-los à sua simplicidade, de modo especial, em termos estéticos, é, no mínimo, deixar de lado muito da sua carga discursiva, uma vez que eles “[...] desempenham importante papel como força poderosa que molda nossa evolução cultural através de ideias copiadas de indivíduo por indivíduo” (SOUZA, 2014, p. 1469).

Ainda, graças à linguagem multimodal² que se expandiu com as tecnologias digitais na modernidade e com o seu uso no cotidiano social, podem ser considerados memes, até

¹ Porém, não se pode deixar de considerar que os nativos digitais, isto é, as pessoas nascidas após os anos 1980, por terem crescido em meio à cultura digital, costumam ter mais domínio no que tange aos memes e ao seu entendimento.

² Neste trabalho, optou-se por utilizar a nomenclatura multimodal e não multissemiótica em virtude da referencial teórico. Porém, cabe ressaltar que os termos são, atualmente, considerados sinônimos para muitos estudiosos da linguagem, ao passo que ambos fazem menção aos diferentes modos semióticos que, juntos, auxiliam para que ocorra a construção de (novos) sentidos dos textos.

mesmo, por exemplo, um gesto³, uma letra de música⁴ ou uma vestimenta⁵. Assim sendo, é correto considerar que os memes não se restringem à rede virtual, visto que passaram a se situar nas conversas diárias e a se concretizarem nas falas, nos atos e nas expressões de sujeitos sociais agindo/atuando na vida humana.

Nesse seguimento, textos multimodais requerem habilidades relacionadas aos multiletramentos, para a plena atuação na vida humana; fato este marcadamente expresso na atualidade. Nas interações sociais, mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação, os sujeitos precisam mobilizar saberes diversificados, entre eles, compreender os efeitos de sentido propiciados pela articulação de diferentes linguagens em um texto. Além disso, esse sujeito precisará entender as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos e dos discursos, pois, sem essas habilidades, ele poderá apresentar limitações para organizar as informações, selecioná-las, relacioná-las e interpretá-las, no processo de produção de (novos) sentidos. Sendo assim, a leitura de memes implica, por natureza multimodal, a percepção de um todo, ou seja, da integração desses vários aspectos visuais e verbais que o compõem.

Ainda, quando se fala em memes nessa perspectiva, uma das suas principais características se destaca: a liquidez discursiva (FURTADO, 2019). Com a expansão da internet, uma gama de discursos se desenvolveu, a cada segundo, em diferentes espaços, o que, por conseguinte, provocou um processo de competição para decidir o que se mantém ativo e no topo das redes, considerando que esse conjunto de discursos sofre, constantemente, renovações. Em outras palavras, tais renovações são impulsionadas por botões como os de comentar, de curtir e de compartilhar publicações alheias, além de outros recursos específicos em determinadas redes sociais, como os do *Twitter*, que permitem ao usuário utilizar o símbolo # (*hashtag*), seguido de uma palavra, por exemplo, para encontrar toda e qualquer

³ Quem não se lembra do famoso meme que viralizou em 2019 após a *drag queen* e cantora Pablllo Vittar tirar uma foto com um fã em Orlando, nos Estados Unidos? Denominado de “pose de maloqueira”, ele é replicado até hoje em diferentes situações, por diferentes pessoas. Você pode compreender melhor a história desse meme por meio do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Guc6z3i8h-c>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

⁴ A canção “Ameno”, da banda ERA, é um exemplo muito interessante. Apesar de lançada em 1996, ela teve o seu maior alcance em 2019, quando o *gamer* Noxious a tocou na plataforma *Twitch*. A partir deste momento, os espectadores passaram a digitar trechos da música não só no chat do jogador, mas fora desse espaço também. O sucesso foi tanto que surgiram paródias a partir da música, assim como jogos, remixes e afins. Veja uma paródia da música, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lgY29hjc8Nk>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

⁵ A título de exemplificação, baseado no filme *Mean Girls* (2004) pode-se pensar em um *look* todo cor de rosa. Nesta obra cinematográfica, há uma passagem em que as protagonistas discutem que durante as quartas-feiras todas as meninas que compõem o grupo mais popular da escola devem usar rosa. Assim sendo, com a viralização do filme, muitos trouxeram essa ideia para a vida real. O *trailer* do filme se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oDU84nmSDZY>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

postagem sobre o tema em foco. Desse modo, “[...] os memes são selecionados naturalmente, de forma que as crenças mais bem aceitas, as ideias mais razoáveis, ou simplesmente aquelas que têm maior apelo entre as pessoas, são as que se disseminam com maior eficácia” (CHAGAS, 2020, p. 25).

A partir dessa perspectiva de liquidez nos memes, considera-se, também, certa liquidez dos gêneros do discurso, posto que eles materializam a língua (BAKHTIN, 2006b). Assim, percebe-se que os gêneros se desprendem de padrões com o passar dos anos e se tornam mais maleáveis, transmutados, com novas características. Desse modo, “não só novos gêneros do discurso surgem como também uma nova forma de dizer, mais solta, na qual os enunciadores se sentem livres para dizer o que querem dizer e como querem dizer, principalmente no que tange às ideologias do cotidiano” (FURTADO, 2019, p. 21).

Nesse contexto, porém, surgem algumas indagações relativas ao meme, por exemplo, se ele pode ser considerado um gênero discursivo, assim como se constitui uma charge, uma notícia ou um bilhete. Tais questionamentos ocorrem, principalmente, devido o meme se materializar de diferentes maneiras e, por isso, não se prender a características pré-determinadas. A partir dessas premissas, tem-se como objetivo, então, nesta pesquisa, apresentar características constitutivas que podem qualificar o meme como um gênero discursivo. Vale destacar que não se pretende incidir na mera rotulação (de os memes serem um gênero ou não), mas de provocar uma reflexão acerca de sua estrutura composicional e de seu funcionamento em contextos sociais, com finalidades discursivas. Essa proposta de pesquisa foi motivada a partir do estudo desenvolvido por Lima-Neto (2021, p. 2273), que defende o meme não como gênero, mas um “[...] recurso riquíssimo de produção de textos (orais, verbais, verbo-imagéticos ou imagéticos) em ambiente digital, cujos enunciadores se valem para dar corpo às mais variadas ações sociais tipificadas, respondendo a diferentes situações recorrentes” o que, por sua vez, leva à criação de gêneros variados.

A fim de atingir tal objetivo, o trabalho é dividido em quatro partes: a primeira trata sobre os gêneros discursivos sob a perspectiva bakhtiniana da linguagem e, por isso, é apoiada em Bakhtin (2006) e Volóchinov (2013), principalmente; em seguida, a partir dos trabalhos de Dawkins (2007), Furtado (2019) e Chagas (2020), entre outros, é apresentado um breve histórico sobre os memes, demonstrando avanços de concepções e de abordagens de análise. Na terceira parte, discute-se a ideia de multimodalidade, com foco nos estudos, sobretudo, de Rojo e Barbosa (2015) e Ribeiro (2016). E, por último, são analisados, à luz do referencial teórico, quatro memes que circulam em redes sociais. Os critérios principais para a seleção

desses memes foram, em suma, considerar quais deles poderiam gerar debates mais relevantes para a pesquisa, além de irem ao encontro da fundamentação teórica.

Dado o exposto, este trabalho considera que o meme, gênero escolhido como objeto desta pesquisa, decorre da interação entre os sujeitos em determinado contexto, partindo do conhecimento de mundo que o leitor necessita possuir para produzir sentidos, sendo comumente utilizado para produzir humor. Nessa perspectiva, a pesquisa se ancora na Teoria da Multimodalidade, pois, para análise dos memes, atenta-se aos modos semióticos envolvidos na constituição deles para a produção de sentidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO SOB UM VIÉS BAKHTINIANO

O Círculo de Bakhtin foi composto por um grupo de teóricos-amigos russos, em 1926, que, sob o uso de pseudônimos, dedicavam-se ao estudo da filosofia da linguagem e de suas faces (ROJO; BARBOSA, 2015). Para tanto, tomavam o texto, em sua materialidade, sob o prisma do discurso, isto é, como enunciado/enunciação e o encaravam, de forma constitutiva, no acontecimento, o que envolve considerá-lo para além dos aspectos estruturais linguísticos. Assim, tem-se que “[...] cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual foi criado)” (BAKHTIN, 2006b, p. 310).

À luz desses aspectos, percebe-se que a linguagem humana busca, de modo inesgotável, representar acontecimentos da vida social cotidiana e, por meio do seu uso multiforme, os sujeitos interagem uns com os outros, em diferentes esferas ou campos de atividade – científica, religiosa, escolar, política, cotidiana, etc. Além disso, para que a comunicação se dê de maneira efetiva, os sujeitos a organizam por meio de enunciados, os quais, conforme os dizeres de Bakhtin (2006b), são concretos, ou seja, “[...] um todo⁶ formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção” (SILVA, 2013, p. 49), únicos/irrepetíveis e *relativamente* estáveis, produtos da interação entre sujeitos situados em determinado contexto sócio-histórico.

Assim sendo, os enunciados são considerados únicos/irrepetíveis justamente pelo fato de o sujeito, ao proferi-los, estar situado em determinado contexto sócio-histórico, sendo, por

⁶ A respeito da noção de “todo”, cabe pontuar que a sua delimitação dependerá da unidade de sentido. Isso significa dizer, então, que assim como uma palavra pequena como “sim” pode se apresentar como um enunciado concreto em devido contexto em que se insere, uma pesquisa acadêmica com dezenas de folhas também pode assumir a mesma capacidade de apresentar-se como um enunciado concreto. Logo, não se trata de avaliar tamanhos, mas, sim, de investigar sentidos.

isso, marcado espaço e temporalmente (BAKHTIN, 2006b). Dessa maneira, ainda que em outra ocasião ele repita enunciados, o momento não será o mesmo; a entonação não será a mesma; o sujeito não será o mesmo. Além disso, dizer que os enunciados são *relativamente* estáveis significa que eles seguem padrões mais ou menos estáveis, o que permite identificá-los em gêneros do discurso, conforme propõe Bakhtin (2006b). É sabido, por exemplo, que um artigo científico possui certas regras, assim como uma notícia jornalística. Porém, tais padrões podem, a depender da situação, ser alterados em certo grau, sobretudo por meio do estilo que é próprio de cada sujeito ao fazer o uso da língua(gem). Por isso, na perspectiva de Bakhtin e do Círculo, os enunciados não podem ser encarados como sendo totalmente estanques, prontos, dados e fechados.

Dessa maneira, considera-se que a análise, em uma perspectiva do gênero, deve considerar “os aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor — isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos”. Nesse contexto, devem ser consideradas, também, “as marcas linguísticas (formas de texto enunciado e da língua — composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação” (ROJO, 2005, p. 199). Vale destacar que todo gênero⁷ implica a interação entre sujeitos, uma vez que é a própria vivência em situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros do discurso que exercitam a competência linguístico-discursiva dos interlocutores. Assim sendo, é essa competência dos interlocutores que auxilia no que é ou não aceitável em determinada prática social, ou seja, um gênero será considerado gênero a partir da diferenciação de seus modos de funcionamento e no reconhecimento, por parte dos participantes da cena enunciativa, do sentido e da estrutura que o compõe.

Nessa linha de raciocínio, foi reconhecido pelos estudiosos do Círculo que, em função das modificações ocorridas na sociedade e nas interações sociais ao longo dos anos, a linguagem humana e os gêneros discursivos se atualizam. À vista disso, pode-se dizer que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2006b, p. 268). A título de exemplificação, pode-se pensar no gênero receita: no passado, costumava ser repassado oralmente entre os sujeitos e, depois, de forma escrita, mas hoje, com a ampliação das

⁷ A partir da perspectiva bakhtiniana, tem-se que todo enunciado se manifesta por meio de algum gênero, logo, é possível estabelecer a relação enunciado/gênero. Também, o entendimento de texto, aqui, é importante, pois textos podem ser entendidos como enunciados desde se considere que foram produzidos de um sujeito para outro sujeito, como resposta a algo e que produzirá outra resposta (BAKHTIN, 2006b).

tecnologias digitais, as quais trouxeram consigo uma multiplicidade de linguagens, existem até mesmo canais no *YouTube* que cumprem o propósito de ensinar a cozinhar, revelando uma evolução do gênero receita. No que tange ao meme, objeto de análise da presente pesquisa, a situação não se diferencia: ao passo que se atualizou, passou a se apresentar de formas variadas, o que necessita ser considerado ao estudá-lo.

Dessa maneira, o fato de a língua ser viva, estar constantemente em uso e passar por modificações faz com que (novos) gêneros discursivos surjam e se concretizem por meio dos discursos, orais ou escritos. Assim, Volóchinov (2013), um dos estudiosos do Círculo, pontua:

Antes de tudo, devemos recordar que a língua não é algo imóvel, dada de uma vez para sempre e rigidamente fixada em ‘regras’ e ‘exceções’ gramaticais. A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ele se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social. Este movimento progressivo da língua se realiza no processo de relação não só produtiva, mas também verbal. Na comunicação verbal, que é um dos aspectos do mais amplo intercâmbio comunicativo - o social -, elaboram-se os mais diversos tipos de intercâmbio comunicativo social (p. 157).

Partindo dessa premissa, ainda que os enunciados proferidos pelos sujeitos se caracterizem individualmente, certas regularidades são perceptíveis, sobretudo quando se consideram os campos da atividade humana aos quais estão ligados (sempre, independente do campo, podem ser identificados enunciados que são típicos). Tais regularidades permitem, então, que classificações sejam feitas a seu respeito; classificações estas denominadas gêneros discursivos ou gêneros do discurso. Por isso, “os gêneros são constituídos historicamente, usados e experimentados socialmente, tendo existência e força na vida social, embora só se materializem em textos e enunciados e não como gêneros em si” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 28). Entender essas condições de produção do/para o Círculo é indispensável, pois “essa importância está relacionada a alguns conceitos fundamentais da teoria bakhtiniana ou dialógica, para a qual nosso discurso é resultado de condições sociais e históricas, o que faz com que nunca possamos ‘falar sozinhos’” (SILVA, 2013, p. 47).

Assim sendo, para Bakhtin (2006b) e o Círculo, determinados elementos são indissociáveis ao tratar de gêneros discursivos, sendo eles: I) o conteúdo temático, isto é, o que é tido como central; II) o estilo, ou seja, o modo de dizer; e III) a forma composicional, que se refere à estrutura utilizada. Ainda, um quarto elemento precisa ser considerado, juntando-se aos três supracitados: IV) o fato de serem *relativamente* estáveis, como explicado anteriormente de forma sucinta, o que deixa claro ser impossível definir categoricamente condições às quais os enunciados devem seguir de maneira estrita. Por isso, os enunciados devem ter características que “[...] os tencionem a serem entendidos na situação de

comunicação como pertencentes a um determinado gênero, mas essas características são, na maioria das vezes, relativizadas pelo estilo individual do falante e pela própria vida socioideológica” (FURTADO, 2019, p. 131).

Ademais, para o Círculo de Bakhtin, uma divisão, no que se refere aos gêneros, não deve ser deixada de lado: I) por um lado, existem aqueles primários, constituintes de uma linguagem mais informal e, por isso, comumente utilizados em situações do cotidiano que permitem esse emprego; II) por outro lado, existem aqueles secundários, constituintes de uma linguagem mais formal, os quais costumam se fazer presentes em contextos específicos que, por sua vez, demandam este tipo de linguagem, como no universo jurídico e no científico. Conforme salientam Rojo e Barbosa (2015), os gêneros secundários servem a várias finalidades públicas, o que justifica a sua complexidade se comparados aos primários. Alguns exemplos são: teses científicas, atas, formulários e romances. Também, cabe ressaltar que, justamente por ocorrerem em atividades mais simples da vida humana, os gêneros primários tendem a se realizar de forma oral no discurso. Todavia, esta não é uma regra fixa. Alguns exemplos são: conversas, *posts* em redes sociais, torpedos e, é claro, memes.

A partir disso, pode-se entender que exatamente pelo fato de os gêneros primários estarem tão presentes no cotidiano social, faz-se preciso que sejam estudados no âmbito escolar e debatidos em pesquisas, assim como esta. Porém, a realidade que temos em muitas instituições de ensino brasileiras é problemática, ao passo que, devido ao *status* social, priorizam os secundários e relegam os primários a segundo plano, presos na ideia de que os gêneros primários pouco podem contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos como cidadãos, assim como de suas habilidades ligadas à leitura e à produção de textos. Faz-se preciso, pois, mudar esse cenário, de modo a valorizar esses gêneros que são tão utilizados pelas pessoas.

Atrelado a isso, a relação de cadeia/corrente entre os enunciados, na perspectiva bakhtiniana da linguagem, é um ponto essencial para se discutir a coconstrução dos enunciados e, conseqüentemente, dos discursos constitutivos. Considera-se, portanto, que todo enunciado, independentemente de sua natureza, estabelece relações com enunciados anteriores, assim como enunciados que ainda estão por vir: de concordância, de negação, de parodização, etc. (BAKHTIN, 2006b). Por isso, “a vida verboideológica se constitui na tensão dialógica com os discursos de outrem e são estas relações que permitem aos sujeitos estabelecerem os efeitos de sentido” (FURTADO, 2019, p. 66). Isso significa dizer, então, que ao pensar no diálogo, é preciso pensar, antes, em um sujeito que se relaciona com outros sujeitos em diferentes instâncias, justificando o fato de um dizer proferido por ele nunca ser

de sua exclusiva autoria, ao passo que o seu dizer carrega consigo outros dizeres já ditos, ao menos em partes. Então, “ideologicamente, [...] o grupo de Bakhtin pensa a linguagem como um lugar de convergência e diferenças, em que a identidade se constrói pela convivência com a diversidade, com o outro” (SILVA, 2013, p. 48). Essa convivência com o outro permite, então, que sentidos sejam (re)construídos e que o projeto de dizer do enunciador seja compreendido por parte do sujeito-leitor.

Porém, é válido ressaltar que, conforme os estudos bakhtinianos, “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2006a, p. 40). Por isso, uma palavra (concebida aqui como signo) pode assumir diferentes sentidos, sobretudo por cada sujeito estar situado no mundo em um dado contexto, tendo passado por vivências específicas que constituem as suas referências de/sobre o mundo. Assim, não se deve esquecer que as crenças religiosas, as posições políticas, as condições socioeconômicas, entre tantas outras questões, interferem diretamente para o juízo de valor empregado no momento da leitura dos textos que circulam nas várias instâncias da vida social.

Apesar disso, a presença de elementos específicos possibilita certo direcionamento no que tange à leitura dos textos, criando o que se tem como mais ou menos “esperado”. Caso contrário, cada sujeito faria uma leitura e não existiria uma coerência mínima, posto que apontamentos aleatórios tenderiam a conflitar entre si. A questão, aqui, é entender que os sentidos se constroem “[...] na relação entre materialidade sígnica e forças históricas e ideológicas, ou seja, entre o texto que se percebe pelos sentidos e as forças constitutivas das atividades humanas envolvidas nas interações dos interlocutores desses textos” (SILVA, 2013, p. 64).

Portanto, entender sobre os gêneros discursivos leva o sujeito a refletir sobre o seu papel social frente à linguagem humana, uma vez que, ao utilizar de gêneros para a comunicação, coloca-se, conseqüentemente, a língua(gem) em uso. Ter isso em mente é primordial, pois, ao ampliar a noção a respeito dos gêneros que se fazem presentes em diferentes instâncias, ampliam-se, também, diferentes competências, como as de leitura e as de escrita. De modo mais específico, ao dominar os gêneros do discurso, o sujeito se torna capaz de identificar estruturas, mecanismos e recursos utilizados em sua composição, além de verificar em que nível esses aspectos são importantes, sobretudo ao estabelecer ligações com outros enunciados. Tudo isso, é claro, em diferentes situações sócio-comunicativas.

2.2 OS TEXTOS E A SUA LINGUAGEM MULTIMODAL

Falar em textos é, hoje, uma tarefa complexa, posto que eles “[...] mudam ao longo da história. Sua composição, seu modo de fazer, as práticas de leitura em que estão envolvidos” (RIBEIRO, 2016, p. 30). Assim sendo, logo de início, é importante considerar que, com o *boom* dos domínios digitais na contemporaneidade, lançou-se um novo olhar a respeito da noção de textos, principalmente ao perceber que eles podem se constituir não somente de recursos verbais, mas, também, daqueles imagéticos, de cores, de sons, entre tantos outros, culminando no que se entende como multimodalidade.

Nesse sentido, “texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 108). Tendo isso em vista, conforme explicam as autoras:

Na era do impresso, reservou-se principalmente a palavra “texto” para referir os textos escritos, impressos ou não; na vida contemporânea, em que os escritos e falas se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastia, músicas), a palavra “texto” se estendeu a esses enunciados híbridos de “novo” tipo, de tal modo que falamos em “textos orais” e “textos multimodais”, como as notícias televisivas e os vídeos de fãs no YouTube (p. 25).

Entretanto, deve-se ter em mente que a multimodalidade expressa nos textos não é uma consequência direta do desenvolvimento de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), pois, por natureza, é impossível a existência de um texto unimodal, mesmo considerando, por exemplo, apenas a modalidade escrita da língua. Por meio dela, ao produzir um enunciado, o sujeito faz escolhas relativas pelo menos à fonte, ao seu tamanho, à sua cor, etc. Logo, o que se deve entender é que com as várias ferramentas propiciadas pelas inovações digitais, os gêneros do discurso estão, a cada dia, mais multimodais.

Nesse viés, levando em consideração a significativa ampliação de informações que se faz presente no cotidiano, os sujeitos, para participar das interações sociais de modo mais ativo e responsivo, precisa ampliar suas habilidades relacionadas às práticas de linguagem nos contextos digitais, o que contempla o conceito de multiletramentos⁸. Isso revela, em linhas gerais, a necessidade de ir além da capacidade de decodificação dos textos para a construção de sentidos, ou seja, a ampliação de habilidades linguístico-discursivas para com a leitura, conjugando a análise das combinações das múltiplas semioses constitutivas dos textos e a

⁸ Cabe ressaltar que a noção de multiletramentos engloba dois tipos de “múltiplos”, sendo eles: a) relativamente às linguagens, as quais englobam “semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais e contemporâneos” e b) de culturas, que são “trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação” (ROJO, 2013, p. 14).

multiplicidade cultural em que esses textos circulam, o que se tende a alcançar com a instauração de uma pedagogia dos multiletramentos, conforme proposto pelo Grupo de Nova Londres (GNL)⁹.

Uma pedagogia nesta vertente, então, seria capaz de levar para a sala de aula representações multimodais, de modo a não privilegiar apenas a modalidade escrita da língua. Isso acontece, pois, “embora as mídias e seus processos de edição tenham impacto sobre a oferta de eventos de letramento dos cidadãos, a escola continua sendo uma das mais fortes agências de letramento” (RIBEIRO, 2016, p. 47). No contexto contemporâneo, com a forte presença da internet, verifica-se, ainda, a necessidade de os sujeitos desenvolverem outros letramentos para que possam ter uso amplo e efetivo de suas ferramentas. Assim sendo, como salientam Rojo e Moura (2019):

As novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos — hipertexto, multimídia e, depois, hipermídia — que, por seu turno, ampliaram a multisssemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos, passando a requisitar novos (multi)letramentos (p. 26).

Logo, a ideia de multiletramentos pode ser encarada enquanto bifronte, porque aponta para a diversidade cultural existente em determinado espaço, própria de um determinado povo, além de apontar para a diversidade de linguagem dos textos que circulam na contemporaneidade, o que implica em uma explosão de letramentos para atuar nas diferentes instâncias, campos e situações da vida (ROJO; MOURA, 2019). Nesse contexto, “o fato é que, hoje, com a propalação dos aparatos tecnológicos e informáticos, a construção textual tem adquirido novos formatos e moldes, o que tem deflagrado novas formas de ler e de compreender textos” (SILVA; SOUZA; CIPRIANO, 2015, p. 137), de modo a não apenas decodificá-los, mas construir sentidos com base no que é expresso por eles.

Isso requer, por sua vez, que seja considerada a interação entre o autor, o texto e o leitor (KOCH; ELIAS, 2008), uma vez que a leitura não se restringe às práticas cognitivas, justamente por ser social. Ter isso em mente é fundamental, pois um texto, por sempre ser produto de escolhas de um sujeito-enunciador-autor “[...] e do fazer interpretativo de um enunciatário, compreende uma complexa rede discursiva caracterizada pela escolha de gêneros e tipos textuais, a instauração de estratégias argumentativas e a adoção de determinados modos de interação” (TEIXEIRA; FARIA; SOUSA, 2014, p. 318). Nesse

⁹ No original, *New London Group*. Composto por estudiosos ingleses, americanos e australianos da linguagem e da educação, o grupo se reuniu em Nova Londres, em 1996, para discutir sobre as mudanças pelas quais os textos, na época, estavam passando, desenvolvendo, por conseguinte, a ideia de letramentos e de multimodalidade.

sentido, evidencia-se a insuficiência que se instaura socialmente ao privilegiar apenas o oral/escrito, pois há muito mais o que explorar por meio das diferentes semioses que se integram para constituírem um texto.

2.3 UM BREVE CAMINHO PELA HISTÓRIA DOS MEMES

Cunhado pelo biólogo Richard Dawkins, no livro *O Gene Egoísta* (1976)¹⁰, o termo “meme” parte da teoria evolucionista de Darwin para tentar explicar como ocorre a propagação cultural na sociedade. Para tanto, considera que os seres humanos têm, em seus cérebros, um “DNA cultural” denominado meme, grande responsável por passar ideias adiante, assim como hábitos típicos entre as pessoas e demais valores socioculturais e históricos. Nessa direção, a nomenclatura “meme” busca fazer um paralelo metafórico com a palavra “gene”, justamente por envolver questões tanto biológicas quanto culturais, caracterizando, por isso, o meme como o gene da cultura.

Historicamente, conforme Dawkins (2007), é sabido, ainda, que “meme” é uma redução de “mimese”, um termo de origem grega (μιμῆομαι) que se aproxima do que se tem na língua portuguesa como “imitação” ou “memória”. Isto posto, de acordo com o estudioso, para a escolha desta nomenclatura, foi preciso entender que

o novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para meme. Se isso servir de consolo, podemos pensar, aleatoriamente, que a palavra “meme” guarda relação com “memória”, ou com a palavra francesa “même” (DAWKINS, 2007, p. 330).

Assim sendo, o meme pode ser considerado “uma unidade de transmissão cultural ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, p. 330), uma vez que, de maneira geral, se constitui a partir de questões específicas de um povo, podendo estas questões dizer respeito à política, à educação, à saúde, enfim, aos acontecimentos que por algum motivo ganham destaque. Além disso, uma vez que Dawkins (2007) parte do princípio de que assim como os genes carregam consigo informações genéticas, é possível dizer que os memes encontram-se incrustados de informações culturais, levando em consideração o paralelo entre meme e gene.

A partir dessa visão, os memes seriam como vírus que se propagam de mente em mente, tendo os seres humanos como hospedeiros, o que recai sobre a ideia de transmissão. Nessa linha de raciocínio, o modo pelo qual os memes são transmitidos entre os sujeitos é

¹⁰ No original, *The Selfish Gene* (1976).

denominado, então, de imitação, dependendo de três propriedades ontológicas para permanecerem “vivos”, além, é claro, da aceitação ou não do receptor: I) a longevidade, que pode ser compreendida como o tempo de existência dos memes em seus hospedeiros; II) a fecundidade, ou seja, a capacidade de o meme se hospedar em um número significativo de cérebros, garantindo a replicação de si mesmo; e III) a fidelidade, isto é, a capacidade de, ao replicar-se, o meme realizar este feito de maneira idêntica (DAWKINS, 2007).

Nessa perspectiva, no que diz respeito aos estudos sobre memes, é fato dizer que eles têm, a cada ano, se desenvolvido. Em anos idos, por volta de 1980, a memética surgiu como uma ciência que se dedicava aos estudos formais dos memes, ou, mais especificamente, uma “disciplina que estudava os memes e as suas conexões com os humanos e seus outros hospedeiros em potencial” (HOFSTADTER, 1985, p. 65, tradução minha). Inicialmente, por se tratar de uma ciência essencialmente relacional, em um período o qual não contava com a presença de tantas tecnologias digitais, o foco dos estudos era outro: buscava-se não centrar a abordagem em uma condição de verdade, mas apenas investigar o modo pelo qual memes se propagam.

Desse modo, até os memes se tornarem o que são conhecidos hoje, a sua própria terminologia passou por um extenso processo de reapropriação ao longo dos anos. Na década de 1990, conforme pontua Chagas (2020), tornou-se comum traduzir piadas e trocadilhos como memes, o que teve grande alcance em grupos *online* de debates. Nesse ínterim, em 1993, foi criado o grupo de notícias *alt.memetics*, na Unix User Network (Usenet), um meio de comunicação para troca de mensagens em formato de fóruns. Nele, pesquisadores de diferentes lugares lançavam discussões, como: a memética poderia, um dia, se tornar uma ciência? Qual é a relação dos memes com o seu uso subliminar?

Porém, cabe pontuar que não consta, na Usenet, registros sobre os memes da internet, muito comuns na hodiernidade. Estudiosos da tecnologia, então, costumam se referir a Mike Godwin como quem utilizou o termo nesta perspectiva, isto é, o meme em um contexto *online*, pela primeira vez. Em um artigo escrito em 1994, para a revista Wired, Godwin explica, por meio do termo “meme do nazismo”, a Lei de Godwin de Analogias Racistas, que, em linhas gerais, defende a ideia de que, conforme uma discussão se intensifica nas redes sociais, a probabilidade de um dos sujeitos envolvidos no conflito fazer apologias diretas ou indiretas ao nazismo aumenta significativamente. Isso mostra, então, que relativamente ao conceito de meme, ele vinha “[...] passando por uma paulatina transformação” (CHAGAS, 2020, p. 33).

No que diz respeito ao contexto brasileiro, também se destacam algumas produções que, em algum aspecto ou outro, envolvem a noção de meme, como o site Pudim.com.br, criado em 1998 e mantido no ar até hoje, contendo unicamente a fotografia de um pudim. Por se tratar de um fenômeno *nonsense*, ganhou a atenção do povo e segue fazendo sucesso com um número expressivo de acessos. O mesmo ocorreu com o vídeo “Para nossa alegria”¹¹, gravado em 2012 pelos irmãos Jefferson e Suellen, juntamente à sua mãe Marinalva. Os três aparecem cantando a música gospel “Galhos secos”¹², do Grupo Catedral, mas o que fez com que a filmagem se tornasse um meme entre os brasileiros foi o momento em que Jefferson, para reproduzir o refrão da melodia, grita o verso “para nossa alegria”, arrancando risadas escandalosas de Suellen e assustando Marinalva, que se levanta e sai do cenário, irritada com a situação. Hoje, o vídeo conta com mais de 34 milhões de visualizações e ainda costuma ser reproduzido pelas pessoas.

Assim sendo, independente da forma como se materializa por meio da linguagem humana, percebe-se um ponto que se tornou comum a todos os memes, especialmente aqueles que circulam no mundo digital: têm no humor um forte aliado para serem replicados, seja esse humor sarcástico, irônico ou de qualquer outro tipo. Isso ocorre, pois, “[...] é a base de seu projeto de dizer, que se pretende desprendido, solto por assim dizer, refletindo a subjetividade do locutor e a liquidez do gênero” (FURTADO, 2019, p. 150-151). Logo, quando se fala sobre o humor inerente aos memes, revela-se uma espécie de carnavalização de seus conteúdos.

Como explica Bakhtin (2013), “o carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de rito e espetáculos cômicos” (p. 7). Por isso, é possível entender que a carnavalização implica a renovação de sentidos, pois parte de um discurso oficial, isto é, originário, para dar lugar a outro, transformando-o. Por vezes, ela ocorre com o intuito de tornar a realidade mais tolerável, uma vez que ao rir de uma situação, ainda que ela seja complicada, o drama vivido se torna comédia (BERGSON, 2018).

Isto posto, não se pode deixar de considerar, também, a liquidez discursiva dos memes como um aspecto importante que os caracteriza. A seu respeito, conforme explica Furtado (2019):

a episteme liquidez discursiva alicerça-se neste novo cenário que se configura na sociedade do século XXI. Os discursos são líquidos não por não terem consistência, argumentatividade, mas por inundarem, transbordarem,

¹¹ O vídeo encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K02Cxo3fAC8>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

¹² A música encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jSYGThVBNxQ>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

respingarem, esvaírem-se, misturarem-se nas práticas discursivas emergindo novas formas de interação intersubjetiva; fazem-se presentes em quantidades expressivas e em múltiplos espaços virtuais nos tempos líquido-modernos. A cultura discursiva na qual estamos inseridos corrobora para que os sujeitos participem intensamente de diversas formas de dialogar, de interagir discursivamente, inclusive e, principalmente, de maneira instantânea; e, assim, instala-se em nossa sociedade o que estamos teorizando como liquidez discursiva, ou seja, muitos gêneros discursivos não se atêm mais aos sólidos formatos, às sólidas práticas, tornando fluidas muitas das dinâmicas discursivas que se fazem presentes no dia a dia da sociedade líquida (p. 123)

Logo, ao mesmo tempo em que os memes invadem as redes sociais, eles podem se esvaír com o tempo, sendo, por isso mesmo, não só líquidos por poderem assumir diversas formas, mas também efêmeros. Assim, devido à renovação constante dos discursos que se fazem presentes nas redes sociais, percebe-se a curta temporariedade de circulação de um meme. Os memes estão normalmente atrelados aos acontecimentos sociais, assim, o processo de produção de sentidos fica atrelado às condições de circulação de outros textos, tais como notícias, reportagens, *twitters*, *posts* de *Facebook* e *WhatsApp*. Pela recorrência de usos, esse gênero tem apresentado ampla circulação nos contextos digitais, desse modo, se o intuito é analisar esse gênero, é preciso considerar as condições de produção, de circulação e de recepção, bem como a sua articulação com outros eventos comunicativos e sua configuração intertextual e multissemiótica.

Além disso, apesar de abordarem questões temáticas do cotidiano social, por possuírem uma configuração voltada para o entretenimento e por se apresentarem em contextos informais de uso da linguagem, os memes têm sido objeto de estudo por parte de várias pesquisas acadêmicas, sob diferentes enfoques teóricos. Entre os principais trabalhos sobre esse gênero, pode-se citar o surgimento do #MUSEUdeMEMES¹³, um projeto elaborado por professores e estudantes do departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2015, com o intuito de não só documentar tais conteúdos que se tornaram virais nas redes sociais, mas, também, de investigar memes como, de fato, objetos de pesquisa e evidenciar as especificidades de organização e do funcionamento desse gênero.

Assim sendo, hoje, o *webmuseu* conta com entrevistas com criadores de memes, reflexões trazidas em grupos de estudos sobre o humor que se faz presente nesse gênero do discurso e, também, uma base de referência com mais de 1300 trabalhos mapeados no tocante à questão, desde artigos científicos apresentados em congressos e/ou publicados em anais e

¹³ O *site* Museu de Memes está disponível em: www.museudememes.com.br. Acesso em: 15 de abril de 2022.

capítulos de livros. Desse modo, o #MUSEUdeMEMES, por si só, tornou-se um meme entre os internautas, por partir de questões culturais e ao propor realizar um trabalho desta natureza, provocar entretenimento.

Estudar memes, então, se revela como uma possibilidade de não só arejar a produção acadêmica, mas, também, de incorporar “[...] questões promissoras de pesquisa para as investigações em curso. Os memes, afinal, se tornaram *mainstream*¹⁴” (CHAGAS, 2020, p. 44). Além disso, como bem dizem Simm et al (2020), “ao se propagar, junto ao seu conteúdo, o meme tende a disseminar, em geral, o resultado de uma leitura crítica do mundo, denunciando realidades, opondo-se a elas ou, simplesmente, validando-as” (p. 154), o que revela, por si só, a riqueza discursiva e a força dos memes. Dito isso, levando-se em consideração que o intuito do presente trabalho não é desenvolver uma epistemologia alusiva aos memes, mas investigar as características constitutivas dos memes que podem qualificá-lo como um gênero discursivo, passemos ao próximo tópico.

2.3.1 MEME É GÊNERO?

A linguagem, “como um complexo mutável, habitualmente foi propensa a transmutações sucedidas ao decorrer dos tempos” (GUERREIRO; SOARES, 2016, p. 185), posto que é viva e está constantemente em uso pelos sujeitos, acompanhando as suas necessidades, mesmo que às vezes imperceptivelmente. Nesse sentido, em um contexto em que novas mídias digitais se fazem cada vez mais presentes, outras maneiras de se comunicar, além das habituais, se desenvolvem, trazendo consigo uma abundância de novos gêneros discursivos, resultado de interações que se efetivam a todo momento no ciberespaço.

Nesse contexto, por se tratarem de produções que estão sujeitas às transmutações, os memes podem apresentar uma plasticidade que acaba por dificultar a sua caracterização. Assim, surgem questionamentos acerca da configuração dos memes como um gênero discursivo. Isto posto, estudiosos do campo da linguagem, como Lima-Neto (2020), por exemplo, defendem que memes são “genéricos” e, por isso, não devem ser vistos “[...] como gênero, mas como um recurso riquíssimo de produção de textos” (p. 2273). Para dar força ao seu ponto de vista, o autor supracitado argumenta que memes, na verdade, são outros gêneros discursivos já existentes, como anúncio publicitário e institucional, tira cômica e crítica, comumente confundidos e, por isso, nomeados de maneira errônea pelas pessoas nas redes sociais.

¹⁴ A palavra *mainstream* pode ser entendida como uma tendência ou moda dominante.

Porém, ao se tomar os memes como recursos e não gêneros, além de denominá-los de genéricos, diversos fatores são deixados de lado. Entre esses fatores, quando se fala em memes, não se pode perder de vista um ponto muito importante: a sua capacidade de hibridização, o que permite a realização de uma mescla de enunciados para que dali se forme(m) outro(s). Há anos, inclusive, Bakhtin (2002) já explicava o hibridismo no romance, mas isso não se limita a esse gênero. Para ele, híbrido é todo aquele

[...] enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas [...] Entre esses enunciados, estilos, linguagens, perspectivas, não há nenhuma fronteira formal, composicional e sintática [...], por conseguinte, tem dois sentidos divergentes, dois tons (BAKHTIN, 2002, p. 110)

Não se trata de simplesmente atribuir uma espécie de característica genérica aos memes, mas entender que, por ser um gênero que parte de um discurso já existente para promover algum tipo de reação nos interlocutores, normalmente por meio do humor — além, é claro, de possuir outras intenções —, é intrínseco a eles envolver outro(s) gênero(s), revelando, por vezes, uma hibridização. Por consequência, torna-se possível a classificação de dois gêneros para um mesmo texto, por exemplo, um anúncio publicitário e um meme, sendo que as características de um não anulam as de outro — ou mesmo a sua existência — simplesmente por dividirem uma mesma materialização. Cabe pontuar, também, que esse mecanismo, a partir dos ensinamentos de Bakhtin (2002), é ampliado por Koch e Elias (2008), denominando-o de intertextualidade intergêneros, “[...] fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação” (p. 114).

Além disso, ao partir dos estudos de Bakhtin para uma investigação sobre uma possível existência de determinado gênero discursivo, tal como faz Lima-Neto (2020), deve-se, antes de tudo, ter em mente o que é alertado pelo filósofo e pensador russo sobre os campos de atividade humana, os quais engendram uma multiplicidade de discursos: não são estáticos, uma vez que sofrem transformações devido às mudanças que se efetivam em sociedade, assim como não são estanques, posto que se inter-relacionam e, muitas vezes, funcionam de maneira híbrida.

Logo, o fundamento de que meme não é gênero, nessa perspectiva, parece não se sustentar. Afinal, conforme explicam Rojo e Barbosa (2015),

Não há, pois, nada que digamos, pensemos ou escrevamos, utilizando-nos da língua ou das linguagens, que não aconteça em um enunciado/texto pertencente a um gênero. Logo, discussões sobre se X é ou não um gênero

discursivo são dispensáveis, pois todo enunciado se dá em um gênero (p. 20).

Todavia, não se atentando a isso e ainda na tentativa de convencer os leitores de que meme não é gênero a partir dos trabalhos de Bakhtin, Lima-Neto (2020) questiona:

Se, para o autor russo, o gênero se organiza formalmente em torno de uma estrutura relativamente estável que engloba conteúdo, forma e estilo, além de pertencer a um campo discursivo específico, como poderia colocar todos [os memes] numa mesma categoria? (p. 2274)

O questionamento, apesar de válido, também não se sustenta. Para comprovar, basta levar em consideração que, hoje, com a expansão tecnológica, gêneros que ganharam destaque no âmbito digital, como o meme, não seguem classificações rígidas e extremamente delimitadas. Conforme pontua Rajagopalan (2013), na *web*, “a escrita, a fala e a imagem se mesclam de certa forma, até pouco tempo atrás, impensável” (p. 50). Por isso, a própria noção de meme se ampliou e classificá-lo em moldes estanques não seria o ideal, principalmente quando se parte dos estudos do Círculo de Bakhtin, uma vez que “Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem” (FIORIN, 2006, p. 61).

Destarte, “não é difícil supor que, daqui a alguns anos mais, as mudanças pelas quais atravessa constantemente o ecossistema midiático reconfigurem esse ambiente, possivelmente classificando como memes algo que hoje não compreendemos sob esta denominação” (CHAGAS, 2020, p. 57). Assim sendo, verifica-se que o meme pode ser um gênero do discurso, posto que os gêneros não se definem por sua forma, mas, sim, pela função que exercem (KOCH; ELIAS, 2008). Porém, tentar enquadrá-lo em formatos dados pode não ser uma opção tão interessante, uma vez que a sua essência tende a ser perdida, assim como a sua hibridez, o seu humor (em suas várias facetas, como o irônico, o sarcástico, o debochado, o sádico, entre outros) e a sua versatilidade — principais características que o faz ser tão popular dentro e fora das redes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a consecução deste trabalho, dois procedimentos metodológicos foram utilizados, conforme Paiva (2019): I) pesquisa bibliográfica e webliográfica, com base em materiais disponíveis para acesso em acervos digitais e físicos, tais como: artigos científicos, livros completos e capítulos, trabalhos publicados em anais de eventos, entre outros, para que fossem (re)vistas e ampliadas, sobretudo, as concepções teóricas a respeito de gêneros

discursivos, de multimodalidade, de multiletramentos e de memes; II) pesquisa aplicada, por meio de análise exploratória de memes que circulam em redes sociais, tais como no *Instagram* e no *Facebook*, e que costumam ser replicados por uma quantidade expressiva de usuários.

Nessa perspectiva, os procedimentos mencionados foram assumidos com vistas ao propósito de não só explorar as características que fazem dos memes um gênero discursivo, mas, também, de lançar um olhar mais atento aos diferentes recursos linguístico-semiótico-discursivos que se encontram presentes nele, compreendendo, assim, a importância da articulação desses recursos para a produção e a ampliação de sentidos em um nível mais elevado. A seleção dos memes em questão se deu por meio de pesquisas nas próprias redes sociais. De modo mais específico, eles foram escolhidos por se destacarem em meio a inúmeros outros conteúdos, principalmente por serem atuais e darem base para discussão, ao passo que, ao mesmo tempo em que são polêmicos, tornam possível a realização de análises amplas em uma concepção discursiva, uma vez que se constituem por recursos linguísticos e semióticos que indiciam problematizações. Soma-se a isso, ainda, o fato de envolverem questões de cunho social e que, por isso, tendem a gerar discussões importantes. Logo, os critérios utilizados para seleção foram, entre outros, a atualidade, o compartilhamento e as questões suscitadas.

Por tudo isso, a abordagem desta pesquisa se caracteriza como sendo qualitativa, posto que se busca compreender os modos de organização e de funcionamento dos memes, analisando como as características que lhe são constitutivas permitem a qualificação dos memes como um gênero discursivo. Para tal, apoia-se na perspectiva interpretativista, concepção defendida por Moita-Lopes (2019), uma vez que discute os processos de produção, de circulação e de recepção dos memes e de suas características constitutivas basilares.

4 PROPOSTAS DE ANÁLISE PARA O GÊNERO MEME

Com base em toda a fundamentação teórica anteriormente desenvolvida, são expostas, nesta seção, quatro possibilidades de análise para o gênero discursivo meme a partir dos estudos de Bakhtin e do Círculo. O primeiro meme a ser analisado (Figura 1) é constituído pela representação da boneca Barbie (como personagem principal), acompanhada por dois outros bonecos, que sinalizam para uma condição de vida socioeconomicamente privilegiada, uma vez que se apresentam bem vestidos e pelo fato de a Barbie ser uma boneca que é adquirida, normalmente, por grupos sociais que possuem certo poder aquisitivo.

Figura 1: Meme da Barbie



Fonte: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/barbie-na-polarizacao/>

Ao analisar o meme (Figura 1), é relevante pontuar as condições de produção. Tem-se que a sua composição é feita pelos bonecos Barbie e Ken, mundialmente conhecidos. O “meme da Barbie”, como foi batizado pelos internautas, surgiu em 2018, durante o período eleitoral em que Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT) e Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), disputavam, no segundo turno, a vaga para presidente do Brasil.

A partir de enunciados proferidos pelo, então, candidato Bolsonaro, os quais eram defendidos pelos seus eleitores, sujeitos contrários às suas ideias desenvolveram imagens como a apresentada como forma de crítica ao seu comportamento que, por vezes, revelava tendências homofóbicas, machistas, racistas, entre outras manifestações socialmente problemáticas. Porém, devido à grande repercussão midiática, muitas páginas foram criadas nas redes sociais para a postagem deste tipo de meme, visando atingir a fama. Dado o exposto, marca-se, aqui, o conteúdo temático desse meme, à medida que se refere às questões políticas expostas, ou seja, a interpretação do meme em pauta não pode ficar restrita ao tema da homofobia.

Assim sendo, considerar o contexto de produção é essencial, posto que, para a realização de uma análise mais profunda de um meme como o da Barbie, é preciso, antes de tudo, que isso não seja feito de forma isolada, mas, conforme sugere Bakhtin (2006b), entendendo que, por se tratar de um enunciado concreto, ele encontra-se inserido em um contexto sócio-histórico e temporal. Nessa perspectiva, faz-se preciso, também, uma

investigação não apenas a respeito de seu contexto de produção, mas de circulação e de recepção.

Dito isso, para a produção de sentidos desse meme, verifica-se a articulação entre diferentes recursos e modos semióticos, os quais evidenciam questões que estão ligadas ao estilo, tais como: I) a escolha de bonecos da coleção Barbie sugere a representação de um grupo social privilegiado socialmente (bolha), que assume um discurso politicamente correto, mas que se alinha ao posicionamento manifesto pelo governo brasileiro — Bolsonaro — que se pauta na amenização, relativização ou negação das diferenças e das diversidades sociais. Assim, a articulação do meme com seu contexto de produção — posição contrária ao posicionamento do presidente — contribui para a percepção de uma crítica social e não para um mero entretenimento; II) a centralidade de Barbie atribui à personagem o protagonismo, a responsabilidade pela fala e ajuda a direcionar o olhar do interlocutor para a relação entre ela e os bonecos, sugerindo um acolhimento por parte dela à condição de homoafetividade apresentada pelos amigos; III) a expressão facial de Barbie e a postura corporal dos bonecos imprimem à cena uma representação de bem-estar, de uma relação amistosa; IV) a pose em que se encontra, isto é, entrelaçada aos dois bonecos que ali se fazem presentes, o que também contribui para construir a ideia de que eles são próximos e se sentem confortáveis uns com os outros; e V) a presença do enunciado verbal *“Homofóbica, eu?? Inclusive tenho vários amigos gays”*, que indicia sentidos, entre eles, a reprodução de um discurso do senso comum que “escamoteia” o preconceito a partir do argumento de que ter amizades com pessoas homossexuais indica a não existência de discriminação; a de uma crítica às pessoas que agem de modo semelhante à Barbie; a uma crítica à simplificação de pautas que envolvem a homossexualidade, como se essa questão não se constituísse como um fenômeno cultural e não demandasse uma discussão por parte da sociedade, entre outros.

Além disso, o meme também revela uma estereotipação em relação aos bonecos em si, uma vez que, ainda que o boneco Ken não seja um personagem homossexual, são atribuídas e ressaltadas, discursivamente e visualmente, no meme, características tidas como típicas de homens gays, mesmo que essas ideias sejam preconceituosas: os bonecos, por possuírem traços delicados, por se posicionarem para a fotografia em uma postura curvada e por utilizarem roupas bem justas ao corpo, assumem o papel não apenas de amigos, mas de “amigos gays” de Barbie. Nessa perspectiva, percebe-se que a própria seleção de dois bonecos do sexo masculino para compor a imagem apresenta-se como uma escolha que ajuda no indiciamento de sentidos e para o estabelecimento da coesão entre as ideias que o meme pretende passar: homens gays se relacionam amorosamente com outros homens gays, logo, na

figura, os dois Kens podem remeter a um casal homossexual. Ainda, a construção desse enunciado traz em si outro aspecto que pode despertar a atenção dos leitores: a partir do enunciado verbal, tem-se uma crítica irônica à ideia de que basta conhecer pessoas homossexuais para, automaticamente, tornar-se um sujeito que, em hipótese alguma, pode ser considerado homofóbico ou ter atitudes homofóbicas.

Isso revela, então, que a organização linguístico-semiótica contribui para a organização discursiva e, por consequência, traz implicações para os sentidos. Logo, “ao escolher uma representação, o ator social o faz com referência ao que, no seu entendimento, pode ser considerado o modo mais apto e plausível naquele contexto e naquela cultura” (SANTOS; PIMENTA, 2015, p. 301). Dito de outra maneira, os produtores realizam escolhas as quais são empregadas na forma composicional que podem materializar pistas que, por sua vez, indiciam sentidos. Relativamente ao meme em questão, a escolha pela imagem de Barbie, por exemplo, não é aleatória:

Rica, loira e magra, a figura da boneca da Mattel, a Barbie, passa a circular pelas redes abordando questões políticas e sociais. De seu mundo privilegiado, Barbie comenta a situação política do Brasil de 2018 e, posteriormente, sobre o governo Bolsonaro. Por vezes ela aparece sozinha nas publicações, em outras está acompanhada por seu namorado, Ken, figura que exalta o padrão masculino heterossexual, branco e rico, ou com seus amigos. Nos memes podemos observar um processo que transforma os eleitores bolsonaristas em personagens, emitindo suas opiniões que demonstram falta de noção, desconhecimento acerca de temas políticos e sociais, além de um deslocamento social do lugar de fala dos mesmos. A ironia está contida sobretudo no fato de que esses posicionamentos costumam ser proferidos pelos apoiadores ou pelo próprio Bolsonaro (TEIXEIRA, 2020, p. 1130).

Logo, ao provocar o riso, o meme da Barbie não só expõe, como também denuncia pensamentos preconceituosos que existem ainda hoje; tudo isso realizado por meio de um tom humorístico. Levando em consideração que esse meme foi feito para circular em redes sociais, revela-se aqui, outra escolha inteligente, haja vista que em *websites* como o *Instagram* e o *Facebook*, a tendência de replicação de memes dessa natureza é muito comum, dessa maneira, a sua viralização é uma possibilidade alta. Essa tendência se dá, sobretudo, porque “as redes sociais são palco para uma diversidade de discursos híbridos, formando uma rede de interação, uma arena dialógica em que pessoas de diferentes posicionamentos ideológicos e de diferentes lugares sociais se encontram” (FURTADO, 2019, p. 116), além de que grande parte dos internautas já têm um conhecimento a respeito de quem é Barbie. Por isso, eles possuem um referente que os permite construir sentidos, mas, ao mesmo tempo, se divertem com essa nova função exercida por Barbie, a qual é construída por meio de sua própria imagem.

Ademais, cabe ressaltar que o meme em análise possui os três componentes específicos apontados por Bakhtin como necessários para que o identifique como um gênero do discurso: ele é estruturalmente representado (apresenta uma estrutura composicional muitas vezes constituída por frases curtas e imagens — organização comum em memes), possibilita a exploração de conteúdo temático (homofobia, comportamento da elite, crítica ao governo Bolsonaro, etc.) e, também, estilo (explicita escolhas de linguagem por meio das quais o discurso é materializado sob a forma de um enunciado). Isso significa dizer, então, que esse meme possui uma estrutura *relativamente* estável (uma imagem acompanhada de uma frase), denominada estrutura composicional; explora uma temática social, tal qual os vários que existem da Barbie, revelando, aqui, conteúdo temático; e, por fim, manifesta o estilo de linguagem característico do meme (muitas vezes possui frases curtas, letras em caixa alta, uso de primeira pessoa, etc.).

Em seguida, o foco recai para o segundo meme (Figura 2), também feito para circular em redes sociais e que tem na figura de Mona Lisa uma fonte para a construção de ideias voltadas à temática da pandemia da Covid-19, causada pela expansão em massa do vírus SARS-CoV-2. Nele, a linguagem verbal, por meio das frases “*Monalisa depois da Quarentena...*” e “*#Em Tempos de Coronavírus#*”, juntamente à linguagem não verbal, por meio de uma representação mais caricatural de Mona Lisa, buscam despertar o riso do leitor. Este riso, por sua vez, tende a ser alcançado graças ao humor que se constrói por meio da narrativa expressa na imagem, deixando a entender que até mesmo a misteriosa mulher, após tanto tempo de quarentena, por não ter muito o que fazer dentro de casa, comeu em excesso e engordou, assim como ocorreu com muitas pessoas.

Figura 2 : Meme da *Monalisa* (1503)



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/822540319431777123/>

Conhecida como *A Gioconda*, a obra de arte de Leonardo Da Vinci, *Mona Lisa*, desenvolvida em meados de 1503, é uma das mais instigantes de todos os tempos. Amada por muitos, a pintura ganhou destaque por causa da representação um tanto quanto enigmática de uma mulher que, com um meio-sorriso, repousa os seus braços próximos ao ventre; representação esta que permite a realização de múltiplas leituras a seu respeito. Tendo isso em vista, devido a tamanha fama, retextualizações foram feitas a partir da obra de Da Vinci, as quais vão desde a inserção da figura da mulher representada em lugares diversos, até a inclusão de objetos no cenário em que ela se encontra, dando-lhe um tom humorístico.

Partindo desse ponto, cabe, aqui, uma problematização a respeito do humor que se faz presente: esse meme, para provocar o riso do leitor, tem como fundamento uma ideia que pode ser encarado por muitos como gordofóbica, porque amplia exageradamente as medidas de Mona Lisa e parte de uma estereotipação, isto é, a de que toda pessoa acima do peso come em excesso; como se corpos gordos fossem motivo de piada. Baseado nisso, verifica-se que os memes são como uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que divertem, podem causar desconforto. Sendo assim, é válido refletir sobre o que se passa adiante, posto que muitas questões ideológicas estão impregnadas nos memes da internet.

Com base nisso, evidencia-se, ainda, a relação de cadeia enunciativa que esse meme, como um enunciado concreto, desenvolve: ao mesmo tempo que retoma sentidos que o quadro de Da Vinci carrega, constrói os seus próprios, além de provocar uma resposta do

interlocutor, podendo, inclusive, ser essa resposta um breve riso. Isto posto, verifica-se que todos os elementos que compõem o meme são selecionados em linearidade à narrativa supracitada, de modo a fazer com que o leitor, ao vê-lo, se identifique (afinal, muitos sujeitos precisaram ficar por algum tempo em isolamento como uma medida para conter a proliferação desenfreada do vírus) e, por isso, o passe adiante, replicando-o.

Entre esses elementos que ajudam a contextualizar a imagem, tem-se a inserção de uma colher na mão de Mona Lisa, o que, por si só, permitiria que se relacionasse meramente à ideia de alimentação, porém, graças ao resquício ao redor da boca da mulher, causado por algum alimento de cor marrom, tal como um chocolate, infere-se que ela, na verdade, mais do que ingerir algo, “se lambuzou”. Ainda nessa perspectiva, é interessante notar que mesmo que a posição da mão que não segura a colher seja a mesma da pintura original, aqui, ela pode ganhar um sentido novo: por ter comido tanto, a repousa sob o estômago, indicando que está muito cheia. Além disso, o fundo também merece destaque: na obra real, vê-se uma paisagem composta por montanhas, por rios e por caminhos feitos em terra. Porém, no meme em análise, tem-se a substituição deste fundo por outro, o qual contém um móvel, plantas em vasos servindo para decoração, uma janela fechada e rabiscos na parede que têm como função aparente a contagem dos dias, ao passo que acompanham a anotação “*Quarantine Days at Home*”, o que significa, no português brasileiro, “dias de quarentena em casa”.

Nessa linha de raciocínio, quando se tomam os riscos na parede para uma investigação a respeito de seus possíveis sentidos, pode-se perceber, também, um estereótipo ligado à quarentena como uma prisão, haja vista que o uso das marcas para contagem de dias na parede costuma ser associado a presidiários, tendo se tornado um clichê desse grupo. Além disso, a relação estabelecida com a prisão se fortifica, pois, durante os anos de 2020 e 2021, foi preciso que os sujeitos evitassem ter contato físico direto uns aos outros, exatamente para que não ocorresse uma contaminação em massa por conta do coronavírus. Assim, muitas pessoas ficaram em casa, trancados, sem ir ao trabalho, à escola, ao banco e a outros lugares que, antes, era rotineiro frequentar. Nesse cenário, começaram a ser proliferados enunciados os quais diziam que quarentena, na realidade, se tratava de uma prisão, ao passo que “obrigava” as pessoas a ficarem reclusas de muitas atividades.

Atrelado a isso, a utilização do símbolo # (*hashtag*) também se apresenta como uma escolha linguística curiosa que marca o estilo do autor e, conseqüentemente, uma de suas possíveis intenções ao desenvolver o meme: que seja replicado. Nesse sentido, considerando que o suporte em que memes desta natureza, como já explicado, costuma ser as redes sociais, é possível perceber no meme da Mona Lisa uma linguagem tipicamente *online* graças a este

recurso, pois é comum, nas redes, utilizarem # seguido de uma palavra para fazer menção a um *trending topic*¹⁵. Desse modo, vê-se que “as pessoas combinam recursos semióticos de novas maneiras e inventam novas relações entre linguagem e outros modos de construção de sentidos” (BARTON; LEE, 2015, p. 29). Logo, ainda que o meme provenha do quadro de Da Vinci e mantenha elementos mais ou menos originais, percebe-se que ele passa por modificações sintetizadas, transformando-o, por isso mesmo, em um enunciado novo. Assim, como explica Ribeiro (2020), “aí reside parte da graça e de certa profanação de obras de arte canonizadas e célebres, que terminam por se tornar itens de um repertório popular” (p. 159).

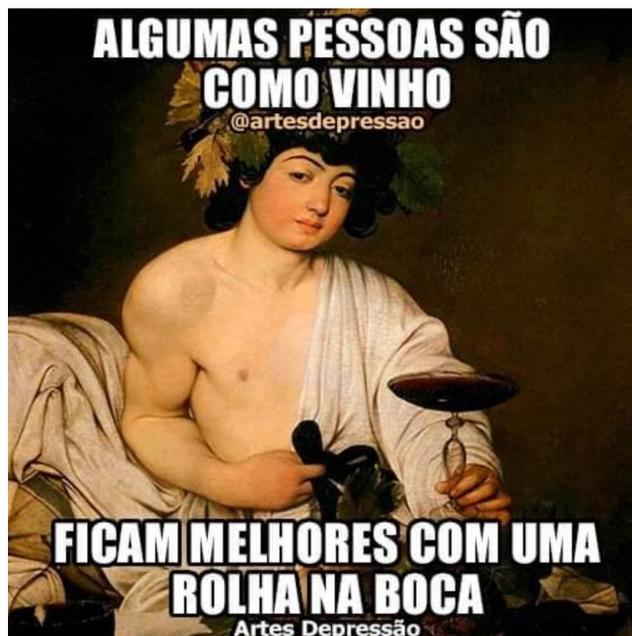
O meme a seguir (Figura 3), desenvolvido por Wesley Oliveira a partir da tela *Baco* (1596), de Michelangelo Merisi da Caravaggio, foi postado na página do *Instagram* @artesdepressao¹⁶, a qual conta, atualmente, com mais de 482 mil seguidores. Criada em junho de 2012, o administrador tinha como intuito principal partir de questões estudadas na matéria de História da Arte, do curso de Design Industrial, para suscitar o riso em pessoas na internet. Conforme explicado por Wesley¹⁷, durante as aulas, ele sempre percebia expressões corporais e faciais, assim como determinadas características presentes em quadros artísticos que davam margem para interpretações em perspectivas diversas, sobretudo se relacionadas a aspectos do dia a dia.

Figura 3: Meme da tela *Baco* (1596)

¹⁵ *Trending topics* são os assuntos mais relevantes em dado momento, sendo comentados por milhares de perfis nas redes sociais, de modo especial, no *Twitter*. Por serem tendências, é comum que os internautas se sintam atraídos a enunciar algo sobre uma das temáticas em foco para, assim, ganharem algum espaço na mídia por meio de *likes*, *retweets* e réplicas, as quais são feitas por meio de novos comentários.

¹⁶ O perfil encontra-se disponível em: www.instagram.com/artesdepressao. Acesso em: 15 de abril de 2022.

¹⁷ Após um contato inicial via *Instagram*, visando contextualizar de forma mais ampla o surgimento da página em questão, foi realizada uma pesquisa informal por meio do aplicativo *WhatsApp* com Wesley Oliveira, o criador do perfil @artesdepressao.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CWWzw2VpnhF/>

Curiosamente, em meados de 2012, houve uma proliferação de páginas em redes sociais, tais como no *Facebook* e no *Instagram*, que faziam síntese das dificuldades vividas por estudantes universitários em diferentes cursos, como: Medicina da Depressão, História da Depressão, Arquitetura da Depressão, entre outros. Assim sendo, aproveitando o alvoroço e baseando-se em fatos políticos, em eventos virais, em modismos, em gírias e em qualquer outro conteúdo que pudesse não só divulgar artes de maneira geral, mas, também, despertar respostas por parte dos internautas, Wesley iniciou a postagem de memes como o mostrado acima.

Hoje, por ter sido tão bem aceita pelo público, a página acabou se caracterizando como um canal de divulgação, de contextualização e até de compreensão artística, além de uma fonte para a obtenção de uma renda extra por meio de parcerias com algumas marcas. Tudo isso se tornou possível porque, a partir das postagens dos memes, são apresentados dados sobre a arte em que eles se baseiam, podendo gerar discussões no próprio *post*, o que ajuda a desmistificar entendimentos como os de que obras são intocáveis e imutáveis, mantendo-as, então, vivas. Isto posto, comprova-se que os memes vão, de fato, além do humor.

Com base no exposto, um primeiro ponto se destaca na Figura 3: a intergenericidade/hibridização de gêneros. A respeito disso, pode-se verificar o que Bakhtin (2002) fala sobre a mistura de enunciados, assim como o que Koch e Elias (2008) explicam sobre a capacidade de um gênero assumir a forma de outro para o cumprimento de um

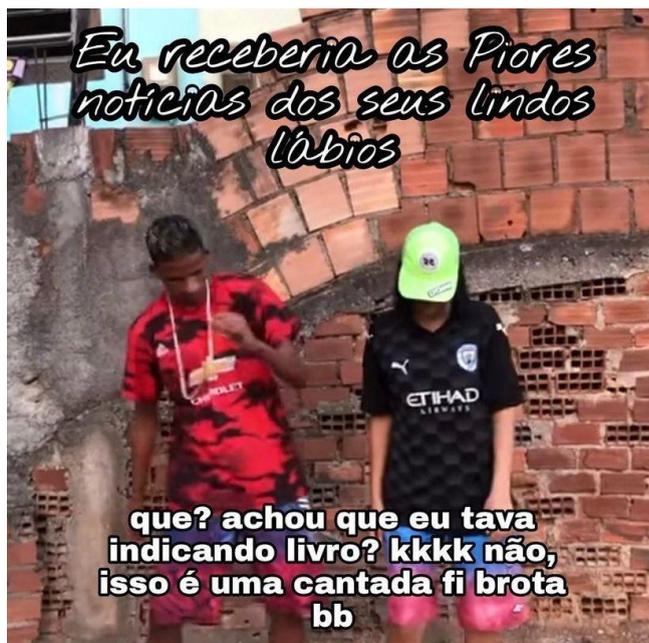
propósito enunciativo. Nesse sentido, a imagem se enquadra como sendo a) uma tela, pois utiliza pigmentos, normalmente líquidos, para dar forma a um desenho, o qual é realizado em uma superfície; e b) um meme, por envolver e transmitir entre os sujeitos — os quais têm contato com ele por meio da rede social supracitada — uma questão cultural, isto é, a ideia popular de que “*algumas pessoas são como vinho*”; assim como pela forte presença do humor ácido, o que é construído por meio da quebra de expectativa, ao trazer uma nova continuação à crença, isto é, de que tais pessoas só são como vinho pois “*ficam melhores com uma rolha na boca*” e não porque melhoram com o tempo, como era de se esperar; e, também, devido à distorção do contexto original da obra, posto que, juntamente a ela, é inserido um enunciado verbal, dando-lhe, por isso mesmo, um sentido novo.

Como um segundo ponto, no que diz respeito às linguagens constituintes do meme em questão, verifica-se a presença de diferentes semioses, as quais se articulam para que a produção de sentidos se torne possível. Desse modo, tem-se: I) a figura central de Baco, referente a Dionísio na mitologia grega, deus do vinho e representante da embriaguez; II) uma taça com um líquido vermelho escuro, o que indica, provavelmente, se tratar de vinho, estabelecendo, por isso mesmo, uma conexão, tanto com o personagem representado quanto com o enunciado verbal, o qual trata sobre a bebida alcoólica mencionada; e III) a expressão facial abatida de Baco, dando ao leitor a sensação de cansaço, de embriaguez ou de tédio, o que também pode ser relacionado ao enunciado verbal, haja vista que contribui para que se contextualize o meme, isto é, se o enunciado diz que algumas pessoas ficam melhores com uma rolha na boca, dá-se a entender que elas falam demais e, por isso, são cansativas, sendo necessário ingerir muita bebida alcoólica para aturá-las..

O último meme selecionado para análise (Figura 4), foi postado em 2021 na página do *Instagram* @funkeiroscults¹⁸, a qual conta, atualmente, com 274 mil seguidores. De modo geral, este é um espaço em que a administração posta conteúdos relacionados à cultura brasileira periférica, perpassando por tópicos que envolvem política, sociologia, história, linguagens e muito mais. Assim sendo, por unir questões cotidianas — como o universo do funk, muito presente nas comunidades — com questões socialmente tidas como cultas — como obras de arte, livros e pensamentos filosóficos —, o perfil vem, a cada dia, fazendo sucesso.

Figura 4: Meme do livro *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005)

¹⁸ Para ter acesso ao perfil, basta acessar: www.instagram.com/funkeiroscults.



Fonte: https://www.instagram.com/p/CWvimPLrxGP/?utm_medium=copy_link

Trazido para o Brasil em meados de 1970, os bailes *funk* se desenvolviam como um importante movimento produzido na e para a periferia, refletindo nas letras das músicas e nas batidas a cultura de um povo que nasce(u), cresce(u) e vive(u) nas favelas. Nesse contexto, com o passar dos anos, o *funk* se expandiu notoriamente e passou a representar, de certa forma, a cultura popular brasileira, fazendo-se presente em diferentes locais e contando, hoje, com centenas de cantores que movimentam a indústria por meio desse gênero musical. Sendo assim, a Figura 4 permite, entre outras questões, que se problematize o *funk* como um movimento popular que, infelizmente, ainda é vitimado pelo preconceito linguístico por parte de uma classe socialmente dominante.

Tendo isso em vista, visando realizar uma análise a respeito dos possíveis sentidos construídos pelo meme acima, faz-se preciso considerar mais atentamente o seu contexto de produção, de circulação e de recepção. Isso se dá, como bem explica Furtado (2019) a partir dos ensinamentos do Círculo de Bakhtin, porque “entender o momento sociológico é um dos primeiros passos para se compreender as práticas discursivas” (p. 53), ou seja, levando em consideração que as práticas discursivas estão situadas em dado contexto sócio-histórico, ao investigar o discurso, é preciso olhar, antes, para o que o permeia, a fim de investigar, também, a sua fonte, as suas causas, as suas consequências, etc.

Assim sendo, no que tange ao contexto de produção desse meme, verifica-se a integração entre linguagem verbal e não verbal, haja vista que nele são utilizados: I) uma fotografia de dois sujeitos, os quais foram registrados em um movimento que parece ser de

dança, posto que estão olhando para baixo e um deles encontra-se inclinado, com um dos braços levantados, como em uma coreografia; e II) duas frases, as quais enunciam, respectivamente: “*Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*” e “*que? achou que eu tava indicando livro? kkkk não, isso é uma cantada fi brota bb*”. Com base nisso, verifica-se que as escolhas do autor em relação a ambos os elementos, isto é, a fotografia e as frases, são de muita relevância para a produção de sentidos e o estabelecimento de uma conexão com os leitores que se pretende atingir, isto é, funkeiros em geral que se interessam por conhecimentos “cultos”, tal como a obra literária de Marçal Aquino, *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005).

Também, por ter sido empregado um linguajar informal, essa escolha pode contribuir, significativamente, para causar uma reação positiva nesses leitores, tal qual a de replicação do meme nas redes, haja vista que é incomum no universo do *funk* utilizar as normas cultas do português, tanto em letras de músicas quanto em ambientes em que essas pessoas costumam frequentar. Isso se evidencia, por exemplo, ao olhar para os próprios bailes *funk*, citados anteriormente. Logo, poderia haver um estranhamento por parte do público caso fosse empregado, no meme, esta modalidade e, ainda, explicita-se o que Furtado (2019) salienta sobre as regras normativas da língua nas redes sociais: elas “[...] se esvaem na fluidez das redes sociais. A interação verbal entre os locutores, nos ambientes virtuais mais popularizados e que não exigem o uso formal da língua, maneja a língua sem amarras, quase que brincando com as palavras, como vemos em vários memes” (p. 21).

Ainda, a utilização da variedade linguística coloquial e periférica apresenta-se como uma escolha coerente com o contexto visual trazido pelo meme em questão, o que também contribui para a construção de sentidos por parte do leitor. Por se tratar de um gênero musical que veio da periferia, marcas linguísticas próprias dos sujeitos que vivem nesse espaço devem estar presentes, então, caso o intuito seja fazer uma espécie de representação, tal qual o meme realiza. Logo, termos como “fi”, “brota” e “bb”, aqui, ainda que não sigam a norma culta da língua portuguesa, fazem todo sentido e são normalmente aceitos pelos leitores, posto que se tratam de falares e de escolhas vocabulares típicas de funkeiros.

Nesta linha de raciocínio, cabe ressaltar que é marcada no meme uma relação de intertextualidade para a compreensão do projeto de dizer que parte dele, que parece ser divertir o leitor por meio de uma quebra de expectativa, saindo de uma referência a um livro para uma cantada. Logo, a quem não conheça a publicação de Aquino, talvez seja difícil estabelecer uma conexão entre os elementos supracitados e ser provocado ao riso. Esse humor se constrói, então, pela associação entre três elementos que, em geral, não costumam ser

relacionados, exatamente por encontrarem-se presentes em diferentes esferas sociais: literatura, cantada e *funk*. Evidencia-se, com isso, a importância da intertextualidade para compreender o gênero discursivo meme, posto que, na Figura 4, o leitor precisa conhecer não apenas o texto e as características do meme, mas, também, a obra literária/o objeto original que foi parodiado. Isto posto, considerando que os memes costumam partir de referências conhecidas para promover uma espécie de carnavalização, esta pode ser tida como uma entre as grandes características desse gênero.

Levando-se em consideração as análises realizadas, percebe-se que o meme é um gênero discursivo que utiliza de composições híbridas entre elementos visuais e verbais para a construção de sentidos, podendo dizer respeito a temáticas variadas, estando elas normalmente voltadas a um contexto sociocultural. Nesse sentido, ele funciona como uma espécie de narrativa curta, ao passo que sintetiza discursos, conteúdos e ideologias para, por meio do humor, passá-los adiante, de sujeito para sujeito, sendo, por isso, como propõe Calixto (2017), um elemento que aglutina dinâmicas do ciberespaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo conhecidos e replicados por muitos, especialmente nas redes sociais, os memes ainda costumam ser reduzidos ao humor que neles se faz presentes, como se o que importasse, afinal, fosse apenas a sua intenção de provocar o riso do leitor. Entretanto, ao tomá-los como objeto de pesquisa, percebe-se a riqueza discursiva que os circunda, envolvendo aspectos como a sua liquidez discursiva, a sua intertextualidade, a sua carnavalização, a sua versatilidade composicional, a sua possibilidade de tratar de temas diversos — muitos deles estando voltados a questões sociais — e, também, a sua linguagem multimodal.

Assim sendo, verifica-se que, para ler memes, é preciso que uma gama de habilidades linguístico-discursivo-semióticas seja ativada, haja vista que se trata de um gênero discursivo bastante híbrido, apesar de seguir certas regularidades, ou, nas palavras de Bakhtin, características “*relativamente* estáveis”, tal como o humor e o fato de partirem de algum acontecimento social que ganhou relevância, sendo justamente um dos pontos que permite enquadrar o meme como um gênero do discurso. Sim, meme é gênero! Além de que todas as nossas falas estão articuladas a gêneros do discurso, os quais organizam a nossa comunicação, partindo dos estudos de Bakhtin e do Círculo, sabe-se que três questões são necessárias para a identificação de um gênero discursivo, sendo elas: I) conteúdo temático; II) estilo; e III) forma composicional. E todas elas estão presentes nos memes da internet.

A seu respeito, por serem tão transmutados, é correto dizer que memes podem se apresentar em formatos distintos, tais como em vídeos, em fotos, em gestos e em outras possibilidades. Entretanto, pode-se igualmente perceber que, embora a materialização se realize nesses diferentes modelos — que podem ser vistos como a forma composicional —, os seus aspectos estruturais costumam partir de um mesmo princípio, que é trazer à tona questões socioculturais — revelando o conteúdo temático que lhe é próprio — a partir das variedades que se têm no discurso humorístico, as quais são ajustadas a depender do contexto de produção, pensando na circulação e na recepção por parte dos sujeitos — evidenciado, assim, o estilo.

Nessa perspectiva, para uma leitura mais crítica dos memes, é preciso ampliar e aperfeiçoar habilidades relacionadas aos multiletramentos. Isso se dá, sobretudo, porque graças ao desenvolvimento constante das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na hodiernidade, ser capaz de decodificar textos não é mais suficiente para a atuação na vida humana, haja vista que os textos, tais como os memes, utilizam da integração de diferentes modos semióticos para a construção de sentidos pretendidos. No que se refere aos memes, isso evidencia, então, a necessidade de não apenas lê-los e passar adiante, sem se preocupar em investigar os seus sentidos, posto que, por envolverem questões sociais, ideologias se fazem fortemente presentes neles e, por vezes, são responsáveis por reproduzir posicionamentos difundidos pelo senso comum, bem como disseminar ideias e posições acerca de uma determinada questão.

Logo, para a construção de sentidos, faz-se necessário sair de uma posição de passividade perante os vários discursos que se tem contato nas esferas sociais, tais como aqueles carregados pelos memes, assim como que se amplie o olhar perante eles. Como bem explica Furtado (2019), "o meme, além de rir de si mesmo, ri da sociedade; como uma forma de crítica, o meme se coloca na contramão da própria crítica, subvertendo-se na ambivalência do discurso oficial e do não-oficial. É escrachado e argumentativo ao mesmo tempo" (p. 242-243). Memes são poderosos, criativos e ambivalentes, o que implica ter em mente, afinal, que nenhuma escolha, no que diz respeito à sua composição, será aleatória.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. (Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006a. Tradução de: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf. Acesso em: 16 jan. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2006b.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 5. ed. Tradução de Aurora Fornini Bernardini et al.: São Paulo: Hucitec, 2002.
- BARTON, David; LEE, Carmen. Estudar o mundo online para compreender a linguagem. In: BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Cap. 2. p. 29-38. Tradução de: Milton Camargo Mota.
- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.
- CALIXTO, Douglas de Oliveira. **Memes na internet**: entrelaçamentos entre edocomunicação, cibercultura e a "zoeira" de estudantes nas redes sociais. 2017. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-01112017-102256/pt-br.php>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- CHAGAS, Viktor. Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019). In: CHAGAS, Viktor (org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 23-78.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. Tradução de: Rejane Rubino.
- FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. Cap. 3. p. 61-76.
- FURTADO, Rossana. **Os diálogos do cotidiano nas redes sociais**: a liquidez discursiva nos memes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185/33189>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- HOFSTADTER, Douglas. **Metamagical themas**: questing for the essence of mind and pattern. Hachette: Basic Books, 1985.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA-NETO, Vicente de. Meme é gênero? questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [s. l.], v. 59, n. 3, p. 2246-2277, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8659859/26372>. Acesso em: 05 fev. 2022.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 329-338, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 23 mar. 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a Linguística. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÈS, Tania (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane. **Escol@ conectad@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In.: MEURER, José Luiz, BONINI, Adair. e MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, Zaira Bomfante; PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. Da Semiótica Social à multimodalidade: a orquestração de significados. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 295, 26 fev. 2015. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7243>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SILVA, Adriana Pucci Penteadado de Faria e. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Cap. 2. p. 45-69.

SILVA, Silvio Profirio da; SOUZA, Francisco Ernandes Braga de; CIPRIANO, Luis Carlos. Textos multimodais: um novo formato de leitura. **Linguagem em (Re)Vista**, Niterói, v. 10, n. 19, p. 133-159, jan. 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/19/08.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SIMM, Juliana Fogaça Sanches et al. A aula de Língua Portuguesa como um espaço de promoção do letramento digital: uma proposta de trabalho com o gênero discursivo “meme”. **Revista Polyphonia**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 149-165, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/67101>. Acesso em: 8 mar. 2022.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes em aulas de português no ensino médio: Linguagem, produção e replicação na cibercultura. **Revista Philologus**, Ano 20, N.º 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFeFiL, set/dez 2014.

TEIXEIRA, Laura Pereira. Bem Barbiezinha.... Fascista: ironia em post. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**: [s. l.], v. 49, n. 2, p. 1124-1137, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2722>. Acesso em: 8 mar. 2022.

TEIXEIRA, Lucia; FARIA, Karla; SOUSA, Silva Maria de. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. **Revista Desenredo**: Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 314-336, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4295>. Acesso em: 07 mar. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.